

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

FOTOJORNALISTAS NA COBERTURA DO CÍRIO DE NAZARÉ

Ingrid Leonel de Souza¹; ingrid@furb.br
Anamaria Teles²; anamariateles@furb.br (orientadora)

RESUMO

O presente estudo trata do fotojornalismo na cobertura do Círio de Nazaré, manifestação religiosa que acontece anualmente no segundo domingo de outubro em Belém do Pará. A investigação consiste em pesquisa exploratória, para entender processo fotojornalístico deste evento, que reúne aproximadamente dois milhões de pessoas na capital paraense. Com objetivo de entender olhares profissionais nas fotografias do evento, foram realizadas cinco entrevistas com os envolvidos nesse fazer. Além disso, selecionamos materiais fotográficos. Buscamos conhecer o ponto de vista dos fotojornalistas que já cobriram a procissão do Círio, assim como compreender o evento a partir da perspectiva profissional e suas escolhas técnicas.

PALAVRAS-CHAVE

Fotojornalismo. Círio de Nazaré. Perspectiva profissional.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo geral do trabalho foi conhecer o ponto de vista dos fotojornalistas que realizam a cobertura do Círio de Nossa Nazaré e compreender o evento a partir da perspectiva dos profissionais e por meio de suas escolhas técnicas. Procurou-se contribuir com reflexão sobre a importância do fotojornalismo em grandes coberturas, como a que ocorre na manifestação religiosa, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

O Círio é um evento católico que acontece anualmente no segundo domingo de outubro, em Belém do Pará, na região Norte do país, reunindo cerca de dois milhões de pessoas durante a procissão pelas principais avenidas da cidade. Neste sentido, registrar o Círio é pôr em evidência o fotojornalismo. Mendonça e Bonna (2016, p. 23) afirmam que “o Círio é de todas as cores e ao mesmo tempo, de nenhuma: porque alma e fé não têm cor”. Diante dessa narrativa, percebe-se como essas “cores” podem ser aquelas registradas pelas lentes dos fotojornalistas durante a procissão, ano após ano, no Círio de Nazaré.

¹ Graduada em Jornalismo pela Universidade Regional de Blumenau (FURB).

² Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Departamento de Comunicação da Universidade Regional de Blumenau (FURB).



REALIZAÇÃO



APOIO



A pesquisa envolveu entrevistas com cinco fotojornalistas que moram em Belém e que atuam no fotojornalismo entre dez e trinta anos, na cobertura da maior manifestação religiosa do mundo. Quatro entrevistados foram contatados por meio da plataforma *Teams* e uma por e-mail, entre os dias 12 e 20 de outubro de 2021. Todos os entrevistados disponibilizaram para uso com finalidade acadêmica as fotografias feitas durante a cobertura do Círio.

Entendemos que o Círio é feito de histórias desde sua origem até os dias atuais. Por essa razão, várias dessas histórias são contadas hoje por meio do fotojornalismo, que nessa época do ano registra momentos de fé durante o percurso do festejo em Belém. De acordo com Mendonça e Bonna (2019, p 52), “O Círio é fé, emoção, lágrimas, sorrisos, aplausos e gente! Em outubro, essa mistura de sentimentos se materializa em doze momentos, através de doze procissões”.

Trazer para a pesquisa as etapas percorridas em uma cobertura fotojornalística religiosa ajudará a entendermos melhor a profissão do fotojornalista e refletir sobre o quão fundamental é a documentação dos fatos históricos e acontecimentos de nosso país. Para Dubois (1998), existe uma percepção além da visualidade que a imagem fotográfica é capaz de transmitir.

No caso da cobertura fotojornalística do Círio de Nazaré, entendemos que, além do trabalho produzido, supera-se o desafio de fotografar em meio a duas milhões de pessoas; tal fator mostra o quão difícil é a realização do trabalho do fotojornalista, que precisa vivenciar o evento na pele para obter registros fotográficos durante o festejo.

2. METODOLOGIA

A festividade é uma expressão da fé dos devotos à Nossa Senhora de Nazaré, durante a qual os fiéis buscam agradecer por alguma graça alcançada; estes levam consigo, ao longo da procissão, objetos que signifiquem um pedido realizado. Durante o decorrer do trabalho, vemos algumas fotografias que mostram essas cenas, ângulos gerais da santa na berlinda, além de detalhes de objetos que representam graças alcançadas, fotos aéreas e de promesseiros na corda.



REALIZAÇÃO



APOIO



Sendo uma das maiores celebrações religiosas do mundo, com origem em 8 de setembro de 1793. O Círio de Nazaré é um evento católico que reúne pessoas desde a capital até o interior da Amazônia e mesmo do mundo todo. Nessa ocasião, devotos de todo o país transformam as principais ruas de Belém em uma espécie de corrente humana. De acordo com Mendonça e Bonna (2019, p. 28), “o Círio é tão emblemático que em 2014 foi declarado pela Unesco como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade”.

Por conta de toda essa história e relevância cultural em que o fotojornalismo se faz presente todos os anos em Belém, chegou-se na necessidade explorar esse acontecimento. Segundo Buitoni (2012, p. 153), “a fotografia pode ser um elemento transformador da realidade social, principalmente se suas formas de expressões forem trabalhadas e pensadas”. A partir da fala da autora, identificamos por meio da pesquisa que todos os profissionais entrevistados partem também desse pensamento.

A fotografia é um meio de memória fotográfica e pertencimento para a região, a exemplo do que expõe Buitoni (2012). Além disso, o olhar aqui lançado permite mostrar os desafios diante da superação necessária ao se realizar um trabalho em meio à multidão. Por meio das imagens fotojornalísticas, são capturadas cenas de uma comoção popular que ocorre desde 1793, quando foi realizada a primeira procissão. Assim, é um processo no qual se captura a realidade de fé da vida humana há mais de um século.

Neste sentido, realizamos uma pesquisa prévia sobre quais são os fotojornalistas da cidade com dez anos ou mais de atuação no fotojornalismo. Seus trabalhos foram pesquisados por meio de postagens nas redes sociais, nos portais jornalísticos, portfólios e prêmios na área da comunicação.

Chegou-se aos nomes de Tarso Sarraf, Bruno Carachesti, Thiago Gomes, Sidney Oliveira e Paula Sampaio. Todos os fotógrafos citados aceitaram participar de entrevista para colaborar com a pesquisa. Foram contatados por meio de Instagram e WhatsApp. A pergunta que norteou a pesquisa foi: *Como os fotojornalistas explicam o processo de cobertura da procissão do Círio de Nazaré, desde a definição de pauta até a seleção e edição das fotos?*



REALIZAÇÃO



APOIO



3. DESENVOLVIMENTO

Ao ver as pessoas entregarem seus corpos durante a peregrinação, identificamos através da fala dos entrevistados que o fator emocional anda lado a lado com o trabalho de cobertura do Círio de Nazaré. O fotojornalista Bruno Carachesti, em entrevista para a pesquisa, explica esse processo da seguinte forma:

Eu sou uma pessoa que me emociono muito fácil. A câmera é uma barreira muito grande para mim. É o meu escudo. Enquanto eu estiver com ela no rosto fotografando, para mim eu tô fotografando. Se eu abaixo a câmera, vejo aquela carga emocional, ver aquelas pessoas sofrendo ali de joelho no asfalto quente. Pessoas ajudando umas as outras, algumas chorando, rezando. Dá um nó na garganta é extremamente emocionante (Bruno Carachesti, informação verbal).

Diante de diversos caminhos, verificamos com os cinco entrevistados que é de suma importância estudar as etapas do Círio, saber o que se quer fotografar dentro dele, desde fotografias feitas no chão, fotos de detalhes, até as fotos aéreas. É fundamental reconhecer que o povo paraense ama sua tradição, sua cultura e a fé que permeia durante o evento, sendo capaz de se visualizar nas imagens feitas por esses profissionais.

O primeiro entrevistado para a pesquisa foi Bruno Carachesti, que é professor de Jornalismo na Universidade da Amazônia (Unama) e fotojornalista. Seu primeiro contato com o Círio começou por volta de 2008, cobrindo o evento como voluntário para o jornal *Vozes de Nazaré*, época em que ainda era estudante de jornalismo. O fotojornalista sempre vivenciou o Círio de forma que em todo o tempo se entregou ao festejo. “Durante o mês de outubro, nessa época do ano, vivenciava o Círio total, ficava três dias fora de casa. Teve uma noite que eu fiz a transladação no sábado, depois a chiquita e já fui direto para Círio, virado” (Bruno Carachesti, informação verbal).

“Tudo que eu assistia tinha fotografia. Câmera, eu sabia tudo sobre câmera, todo mundo me perguntava. Sabia sobre o funcionamento e o que diferenciava uma Nikon de uma Canon que era o grande debate da época” (Bruno Carachesti, informação verbal). Para o professor, a vontade de dar aula era um sonho antigo, porém, sentia a necessidade de vivenciar na pele o fotojornalismo na rua para depois ir para a docência. A fotografia a seguir, de Carachesti, durante a cobertura do Círio

de Nazaré no ano de 2017, numa das principais avenidas, mostra a realidade em meio à multidão.

Figura 01- Nossa Senhora de Nazaré dentro da berlinda em um dos percursos durante a procissão na Avenida Presidente Vargas, Belém-PA, 2017.



Foto: Bruno Carachesti

O fotojornalista fala ainda: “Esse ano eu me emocionei com um rapaz que fez o traslado todo de joelhos no asfalto e geralmente as pessoas botam papelão para forrar, mas ele não queria, queria ir com os joelhos no asfalto. Ver as pessoas entregarem seus corpos assim é algo comovente” (Bruno Carachesti, informação verbal).

“Tento usar ângulos que as pessoas não estão muito acostumadas a fazer ou não fariam. Levanto a câmera, vou para um lado, vou para o outro” (Bruno Carachesti, informação verbal). Existe uma situação no Círio de Nazaré que é comum, quando pessoas, para ajudar os promesseiros, jogam água neles como forma de amenizar o desgaste e o cansaço. Desse modo, esta situação é considerada uma das problemáticas, porque os equipamentos não podem entrar em contato com a água. Em uma procissão, as coisas acontecem muito rápido para os fotojornalistas; por isso a importância de ser ágil, de modo a não perder foto. Pessoas te empurram, passam mal, pessoas caem ao teu lado. Gente jogando água pra aliviar o calor da corda e a gente usando equipamentos que não podem receber água.. (Bruno Carachesti, informação verbal).

Já Tarso Sarraf atua no fotojornalismo há vinte e nove anos. Sua experiência já lhe rendeu pouco mais de dez prêmios na área da comunicação, sendo o mais recente,



REALIZAÇÃO



APOIO



o prêmio Vladimir Herzog, na categoria Fotografia. “Minha mãe era fotógrafa na época, então a fotografia sempre esteve dentro de casa”, relembra o fotojornalista. Nos anos noventa, por volta dos dezesseis anos, por influência da mãe, Tarso teve seu primeiro contato com as oficinas na Associação Fotoativa, em Belém do Pará, com Miguel Chikaoka, fotógrafo atuante na cidade e responsável por ensinar várias gerações de fotógrafos paraenses.

Em entrevista, Tarso deixa claro que foi a partir da sua segunda experiência, numa oficina chamada Curro Velho, em Belém, que iniciou sua trajetória fotográfica no Círio de Nazaré. De família evangélica, o fotojornalista nunca tinha tido até então nenhum tipo de contato com o evento que não fosse através de transmissão televisiva que acontece todos os anos na cidade.

Por dez anos, o fotógrafo trabalhou em uma agência de publicidade como editor de vídeo, fotografou diversos eventos e realizou fotos para revistas. Porém o fotojornalismo sempre despertou uma grande curiosidade visual diante da sensibilidade que Tarso já possuía. O fotojornalista conta que sempre gostou de fazer fotos diferentes e sair das fotografias comuns. A oportunidade de atuar no fotojornalismo surgiu nos anos 2000, quando Sarraf teve seu primeiro contato com o jornal *Diário do Pará*, onde trabalhou por cerca de cinco anos, indo em 2011, para outro veículo de comunicação, o jornal *O Liberal*, de empresa afiliada à Rede Globo.

Ele vivenciou a mudança do processo analógico ao digital nas coberturas fotográficas do Círio de Nazaré. “Para fotografar o Círio há dez anos atrás você tinha que estar com um computador ao lado. Vinte anos atrás, você fotografava com filme e tinha que revelar”, relembra Tarso, que acompanhou de perto a evolução tecnológica dentro do evento. Identificamos também que a agilidade dos envios das fotos durante a cobertura da procissão vai ao encontro da multimídia. Especificamente neste ano de 2021, foram trabalhadas duas maneiras no processo de envio: o fotógrafo leva o celular da redação para fotografar o evento e enviá-las com mais rapidez para publicações instantâneas no site do jornal ou através de um leitor, que pode ser instalado diretamente no celular inserindo um cartão.

O processo da foto a seguir foi pensado pelo profissional diante da inauguração da Igreja da Sé, onde acontece a missa por volta das 5h30 da manhã, antes da saída

da peregrinação, indo em seguida até a Praça Santuário de Nazaré, final do percurso do Círio e onde fica localizada a Igreja Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, local em que a santa permanece durante o ano inteiro.

Figura 02 - Domingo de Círio em 2009. Saída da berlinda ao final da Missa na Catedral da Sé



Foto: Tarso Sarraf

O objetivo do fotojornalista era fotografar a saída da santa por meio de helicóptero para obter uma foto aérea. “Para mim a capa do jornal era a berlinda, o mar de gente e a igreja de fundo, que seria o primeiro ano da igreja depois da reforma” (Tarso Sarraf, informação verbal). De acordo com nossa coleta de dados, fotos aéreas para coberturas com multidões rendem mais pelo fato de registrar o plano central do evento: as pessoas. Para a realização dessa foto, foi encaminhado um pedido de autorização para o governo do estado através do jornal. Tarso entrou no primeiro voo que pegaria a saída da santa, o que era seu objetivo. A fotografia



REALIZAÇÃO



APOIO



produzida ganhou para ser o cartaz do Círio no ano seguinte, considerada pelo fotojornalista como uma boa foto.

Assim como Bruno Carachesti, Sarraf já fotografou a procissão com mais de um equipamento e lentes, contudo, a experiência permitiu diferenciar câmera e lentes umas das outras, passando a diminuir esse número de equipamentos e selecionar as câmeras certas para cada situação. O fotógrafo cobre a procissão do Círio de Nazaré há pelo menos quatro anos com os mesmos equipamentos: uma Dx da Canon e uma 70-200mm f/2.8. O fotojornalista tem uma característica particular, que é fotografar com lentes claras. Segundo Sarraf, “Um ponto importante para cobrir a procissão: mapear os locais que a berlinda irá passar”. Dentro disso, estão as ações de caminhar pelas ruas de Belém nos locais em que a Santa irá passar, por exemplo, a Avenida Castilhos França, e de “cortar caminho” por dentro do comércio (nome popularmente conhecido pelos paraenses), o que se configura como uma estratégia.

De acordo com Tarso Sarraf, uma pessoa de fora que vier a fotografar o Círio se perde, pois necessita-se entender o percurso e a história durante a peregrinação. “Tem que ver o que a pessoa quer. Se é foto aérea, por exemplo. Em 2018 eu não tenho uma foto no chão porque fiquei duas horas voando, já me aconteceu também porque cada ano é diferente” (Tarso Sarraf, informação verbal). Diante dos ângulos possíveis, Sarraf expõe o sentido da sua profissão:

O fotojornalismo pra mim é tudo. Não sei fazer outra coisa. Eu até cheguei a passar um ano sem fotografar. Meu último trabalho antes de parar foi fazendo foto do Círio e a minha volta depois desse tempo parado foi fotografando o Círio. Adoro fotografar o Círio, não é à toa que desde que eu comecei a fotografar esse evento nunca parei. (Tarso Sarraf, informação verbal).

A terceira profissional, Paula Sampaio é de Belo Horizonte/MG. Ainda criança, foi com sua família para a Amazônia, onde morou no município de Estreito/MA (Rodovia- Belém Brasília). Migrou para Belém/PA, em 1982, onde foi repórter fotográfica e documentarista em diversas instituições e empresas no Pará. A fotojornalista realiza projetos fotográficos nas rodovias Belém–Brasília e Transamazônica, com foco nos processos de migração e colonização na Amazônia, nas áreas de exploração mineral e hídrica, comunidades quilombolas, além de em



REALIZAÇÃO



APOIO



parte da área histórica de Belém-PA, realizando todas as fotografias utilizando câmeras analógicas.

Assim como os dois primeiros entrevistados, Paula adquiriu parte dos seus conhecimentos participando de oficinas na Associação Fotoativa. Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Pará e especialista em Comunicação e Semiótica pela PUC–MG. A fotojornalista iniciou profissionalmente no ano de 1987, no jornal *Diário do Pará*. Identificamos que, entre o fim de 1980 e início dos anos 1990, Paula começou a realizar a cobertura fotojornalística do Círio de Nazaré, quando já estava no jornal *O Liberal*. Uma característica particular de Paula é que suas fotografias são todas feitas em preto e branco.

Diferente dos demais entrevistados, Paula destaca-se por fotos em preto e branco. A foto concedida pela fotojornalista mostra uma perna de gesso como forma de agradecimento às graças alcançadas, que é levada por fiéis durante a procissão; no Círio de Nazaré, é comum visualizar diversos tipos de objetos carregados por promesseiros. “Comecei a fotografar o Círio em um tempo em que não se tinha dois milhões de fiéis. Mas tinha uma força coletiva da fé compartilhada muito intensa e essa energia é determinante, avassaladora. Nos últimos 10 anos fiz poucas coberturas e continuo sentindo essa energia agora ampliada” (Paula Sampaio, informação verbal).

Figura 03 - Fiéis pagam promessas como forma de agradecimento – Círio 2019



Foto: Paula Sampaio

Paula realizou a fotografia acima utilizando uma câmera 5D. Ela cita também os desafios presentes no trabalho de cobertura do Círio. De acordo com Paula, uma boa foto para a capa de um jornal – a respeito de qualquer tema – é uma imagem que condense o assunto, que tenha força e capacidade de despertar os sentimentos dos seus leitores, levando para o público algo que ele ainda não tenha visto. Vale ressaltar aí a importância da gama de informações e a plasticidade das fotografias.

A quarta entrevista foi com o fotojornalista Sidney Oliveira, no dia 20 de outubro. Sidney é formado em Jornalismo pela Faculdade de Estudos Avançados do Pará (FEAPA). Entre os veículos de comunicação em que o fotojornalista já trabalhou, estão o jornal *Diário do Pará*, *O Liberal* e *Amazônia Jornal*, além da Secretaria de Estado de Comunicação (SECOM/PA), bem como atua ministrando aulas de fotografia. Ele se desafia a registrar o evento de forma diferente todos os anos.

Sidney vivenciou o período de fotografar com câmeras analógicas, o que facilitou seu trabalho de fotojornalismo nas coberturas no Círio de Nazaré, pois não



REALIZAÇÃO



APOIO



houve dificuldades para se adaptar, tendo em vista que já tinha o domínio da técnica. A fotografia na vida de Oliveira vem desde sua infância, pois já aos cinco anos de idade inspirava-se em seu avô, que era fotojornalista.

Com a chegada do digital, identificamos que foi inevitável o medo diante do novo formato. “Quando a digital chegou a gente tinha medo. A digital chegou do nada na redação e a gente dizia que aquilo não era foto, era só a luz do filme aquele registro e pronto. A fotografia a gente tem que se adaptar quem não se adaptou ficou pra trás” (Sidney Oliveira, informação verbal). O fotojornalista reflete sobre o desafio desse tipo de evento. “O Jornalismo, sobretudo, o Fotojornalismo, é um desafio diário. Porque todo dia vai ter que ter a notícia e o Círio ele é um dos desafios maiores que tem, porque todo ano vai ter essa procissão, todo ano vai ter a trasladação, todo ano vai ter a expressão de emoção, os sentimentos” (Sidney Oliveira, informação verbal).

Para Sidney, o Círio é um dos momentos de maior desafio diante da sua profissão. “Então é esse o desafio de você trazer esses registros. Tem hora que você não sente o pé encostar no chão, não sente mesmo. Teve um Círio que foi em 2013 em que eu fiquei numa posição em que todo mundo disse que eu seria esmagado. É aquela história, você tentar se superar, tentar se desafiar” (Sidney Oliveira, informação verbal). Para alcançar o objetivo diante dessa situação, o fotojornalista, em meio à multidão, levantou a câmera com uma teleobjetiva, apontou na direção em que a berlinda estaria vindo e fez o registro da imagem. “Naquele ponto quando os estivadores começam a soltar os fogos todo mundo levanta a mão na direção dela e fica aquela fumaça. E eu falei: É essa foto que eu quero” (Sidney Oliveira, informação verbal).

Figura 04 - Avenida Presidente Vargas. Um dos trajetos que a Santa faz durante o percurso da procissão. Círio 2013



Foto: Sidney Oliveira

Para Sidney, esta foi uma fotografia diferente das outras de anos anteriores, ou seja, conseguiu fugir do comum, mesmo com o evento sendo anual. Observamos também durante a coleta de dados a importância de as fotografias serem guardadas em alta resolução. “Essa imagem depois de um ano ela me rendeu mil e quinhentos reais. Teve um veículo que me procurou porque queria essa foto para fazer um anúncio no Círio do ano seguinte” (Sidney Oliveira, informação verbal).

Outra observação que obtivemos como com Sidney Oliveira foi a questão do uso do semiautomático nas câmeras. De acordo com o profissional, “fotografar o Círio nessa parte externa é trabalhar no semiautomático (AV OU TV), porque aí perde menos tempo, menos foto”. Complementa que “você pode ter a máquina que for na mão, mas se você não tiver o domínio técnico é a pior coisa”, de perder a imagem por falta de conhecimento sobre o que fazer. (Sidney Oliveira, informação verbal). Embora Sidney seja protestante, coloca sua profissão em primeiro lugar, independentemente de o Círio de Nazaré ser uma manifestação religiosa católica.

O último entrevistado para o presente trabalho é o fotojornalista Thiago Gomes, formado em Publicidade e Propaganda pela Faculdade Ipiranga. Ele realiza a cobertura fotojornalística do Círio de Nazaré há dez anos. Atualmente o fotógrafo trabalha no jornal *O Liberal*, em Belém/PA. Além de fotojornalista, Thiago é promesseiro no Círio desde 2016. No ano de 2015 o fotojornalista foi diagnosticado

com uma síndrome no coração, conhecida por Wolff-Parkinson-White, doença que acabou complicando e o levou a ficar internado na UTI. A partir disso, sua esposa, católica, fez um pedido da cura à Nossa Senhora de Nazaré, prometendo que ambos iriam distribuir terços todos os anos durante a procissão, caso o pedido fosse realizado. Desde sua saída do hospital, Thiago também prometeu fotografar o Círio todos os anos, enquanto ambos cumprem a graça da promessa alcançada distribuindo terços.

Figura 1 - O Círio de Nazaré, que reúne cerca de duas milhões de pessoas



Foto: Thiago Gomes

Foi possível observar que, para realizar a cobertura do Círio, é necessário que se crie um roteiro, no qual conste aquilo que o fotojornalista pretende fotografar durante a procissão. Neste sentido, identificamos alguns itens: subir em prédios, já pensando em tipos de cenas que possam ser fotografadas, subir nos palcos que ficam espalhados pela cidade para fotografar de um ângulo mais elevado, etc.

De acordo com Thiago Gomes, as fotos de capa que mais rendem para o jornal são fotos que mostram a multidão compondo alguma coisa, por exemplo, diante da berlinda. Dentro disso, estratégias assim são pensadas para a capa do jornal. Identificamos que, para a realização da foto, feita durante a trasladação, Thiago usou uma lente 70-200 f/2.8, conseguindo pegar uma imagem em contraluz. Ele evita repetir as imagens que fez em anos anteriores.



REALIZAÇÃO



APOIO



Uma dificuldade identificada é o cuidado com o equipamento durante o percurso do Círio, por ser em meio à multidão e principalmente, quando se está próximo à corda; é superação, desafio, para esses profissionais que, por meio do fotojornalismo, contam histórias sobre a fé dos fiéis no Círio de Nazaré.

Entre os pontos em comum, foram identificados: o planejamento para a cobertura do Círio, por exemplo ao estudar os locais a serem fotografados durante a procissão; técnicas de ângulos; autorização para fotografar; tipos de câmeras, lentes; etapas que ocorrem dentro do Círio; e superação para desempenhar o papel de fotojornalista de forma clara ao cobrir o Círio de Nazaré. A superação em meio à multidão é um ponto comum de destaque. “O segredo é saber se mover e às vezes se deixar levar pela multidão sem lutar” (Paula Sampaio, informação verbal), em entrevista para a pesquisa.

Durante a análise com o fotojornalista Bruno Carachesti, ele fala sobre a agilidade ao fotografar o Círio: “as coisas acontecem muito rápido numa procissão. Pessoas te empurrando, pessoas passando mal, pessoas caindo do teu lado. Você com equipamentos no corpo e gente jogando água pra aliviar o calor da corda” (Bruno Carachesti, informação verbal).

Tarso Sarraf, por exemplo, já optou por fazer fotos aéreas. Paula Sampaio se posicionou em cima de um galho de árvore para obter uma imagem diferente. Bruno Carachesti certa vez fez foto ao lado do sino da Igreja Santuário Basílica de Nossa Senhora de Nazaré. Sidney Oliveira, contrariando colegas da profissão, ficou posicionado no meio da multidão para conseguir a foto que idealizou. Já Thiago Gomes manteve o equilíbrio em andaimes para alcançar um ângulo mais alto da cena que pretendia fotografar.

Conclui-se que o objeto mesmo registrado durante o evento são os fiéis e seus sentimentos, suas expressões de fé na procissão. Em relação a isso, finalizamos com fala do fotojornalista Sidney Oliveira sobre capturar a melhor imagem: para ele o fotojornalismo é igual a um lead que, se não for interessante, o leitor não vai se interessar pelo resto.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS



REALIZAÇÃO



APOIO



Desde que iniciamos o trabalho de pesquisa, o objetivo sempre foi entender os olhares profissionais nas fotografias do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, algo que foi desenvolvido a partir de entrevistas. Pretendíamos também selecionar materiais fotográficos que poderiam ser explorados para compreender melhor, justamente de forma visual, sobre como o fotojornalismo é aplicado à cobertura do Círio de Nazaré.

Com o propósito evidenciar a importância do fotojornalismo, pensamos sobre as formas que um evento grande como o Círio de Nossa Nazaré – que faz parte da cultura da região Norte do país – apresenta uma série de dificuldades para os fotojornalistas, mas também sobre como esses profissionais agem diante delas, a fim de poder cobrir anualmente a manifestação religiosa.

Neste sentido, a partir das questões apresentadas no presente trabalho, tanto as fotografias feitas pelos fotojornalistas, dentro do contexto de ocorrência do próprio Círio, quanto as falas dos entrevistados dão a ver as possibilidades e o entendimento sobre a importância da fotografia no processo de registrar um conjunto de imagens significativas sobre o Círio de Nazaré, algo que ocorre por meio desse trabalho jornalístico.

Percebemos por meio das entrevistas que o ato de fotografar o Círio de Nossa Senhora de Nazaré é o instante decisivo, do qual o fotógrafo Cartier Bresson fala. As imagens registradas durante a cobertura não voltam mais se o fotojornalista não tiver o domínio da fotografia, a agilidade, o pensamento rápido e a sensibilidade para registrar a fé das pessoas que falam através de seus corpos.

Por fim, cabe assinalar a importância de um trabalho científico sobre os olhares de fotojornalistas na cobertura da procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Por essa razão, a pesquisa reforça o registro fotográfico, não somente porque este mostra a festividade na cidade de Belém, mas também por evidenciar o fotojornalismo como elemento fundamental para a memória brasileira.

REFERÊNCIAS



REALIZAÇÃO



APOIO



BUTTONI, Dulcília. **Fotografia e Jornalismo: a informação pela imagem.** São Paulo: Editora Saraiva, 2012.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios.** Campinas: Papirus, 1998.

MENDONÇA. Beth; BONNA. Mauro. **Cores do Círio.** Belém: Editora Verde, 2016.

Livro do Círio 10º edição. Belém: Editora Verde, 2018.

O livro do Círio oficial / The book of Círio. Belém: Editora Verde, 2019.